

## INFLUENCIA DA COLÔNIA NIPO-BRASILEIRA NA FORMAÇÃO DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS DOS PEQUENOS AGRICULTORES FAMILIARES DE TOMÉ – AÇU, PARÁ

Antônio José Elias Amorim de Menezes<sup>1</sup>; Dilson Augusto Capucho Frazão<sup>2</sup>; Alfredo Kingo Oyama Homma<sup>3</sup>; Grimoaldo Bandeira de Matos<sup>4</sup>; Yukihisa Ishisuka<sup>5</sup>; Antônio Carlos Paula Neves da Rocha<sup>6</sup>; Manoel da Cunha Couto Neto<sup>7</sup>; Jason Moreira<sup>8</sup>

<sup>1</sup> M.Sc. - CPATU, [menezes@cpatu.embrapa.br](mailto:menezes@cpatu.embrapa.br); <sup>2</sup> D.Sc. - CPATU, [dilson@cpatu.embrapa.br](mailto:dilson@cpatu.embrapa.br); <sup>3</sup> D.Sc. - CPATU, [homma@cpatu.embrapa.br](mailto:homma@cpatu.embrapa.br); <sup>4</sup> B.Sc. - CPATU, [grimo@cpatu.embrapa.br](mailto:grimo@cpatu.embrapa.br); <sup>5</sup> M.Sc. - Jica; <sup>6</sup> M.Sc. - CPATU, [arocha@cpatu.embrapa.br](mailto:arocha@cpatu.embrapa.br); <sup>7</sup> B.Sc. - Emater-Pará – Tomé- Açú; <sup>8</sup> B.Sc. - Ceplac - Tomé-Açu

### 1 Introdução

O Município de Tomé-Açu, situado na Mesorregião Nordeste Paraense, à margem esquerda do rio Acará, ocupa área de 5.179,2km<sup>2</sup>. Nessa região os agricultores familiares vêm instalando plantios de culturas perenes, associados com culturas de ciclo curto ao longo do tempo, utilizando e adaptando tecnologias da colônia nipo-brasileira. A cultura da pimenta-do-reino se destaca como atividade central, no qual atualmente encontra-se num processo de transformação com o crescimento da fruticultura.

A colonização efetiva do rio Acará foi efetuada por imigrantes japoneses em 1929, instalado-se na atual sede do Município de Tomé-Açu. Após tentativas iniciais com as lavouras de cacau, arroz e de hortaliças, a prosperidade só começou a partir da década de 1950, com a cultura da pimenta-do-reino introduzida pelos imigrantes japoneses em 1933 (HOMMA, 2003).

O sucesso do desenvolvimento da colônia nipo-brasileira do Município de Tomé-Açu deve-se, à elevada experiência dos agricultores, pela sua mentalidade inovadora, a visão holística de mercados futuros e o espírito associativista que permitiu a criação da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu – CAMTA, fundada em 1931, para vender hortaliças e, para assegurar a sua sobrevivência. (HOMMA, 1998; 2004)

Em 1957 deu-se o aparecimento do *Fusarium* que passa atacar severamente os plantios de pimenta-do-reino a partir da década de 1970. Dessa forma buscou-se uma maneira de aproveitar as áreas antes do plantio de pimenta-do-reino com maracujá, melão, mamão, etc., durante o crescimento com cacau, andiroba, seringueira, etc. ou, depois da morte das pimenteiras, com o plantio maracujá, cacau, dendê, limão, coco, etc.). O aprendizado dessas combinações e a perspectiva de mercados deram origem a diversos sistemas agroflorestais (SAFs), ativos e inativos.

No início da década de 1980, o plantio de espécies frutíferas ganhou relevância (cupuaçu, acerola, mangostão, rambutã, taperebá, açaí, etc). A busca por produtos de alta qualidade, uma vez que a CAMTA é responsável por todos os serviços desde a produção de mudas, assistência técnica e beneficiamento da produção, constitui uma razão de sucesso do desenvolvimento de SAFs, evitando a monocultura.

O presente trabalho, pretende-se mostrar a influencia dos agricultores nipo-brasileiros na formação e adaptação dos SAFs pelos pequenos agricultores familiares na área estudada.

### 2 Material e Métodos

Foi realizado um levantamento no período de 13 a 19 de agosto de 2003, quando foram entrevistados 36 pequenos produtores familiares em 10 comunidades no Município de Tomé-Açu (FRAZÃO et al, 2004). Estes produtores entrevistados vinham recebendo apoio técnico do Convênio Embrapa Amazônia Oriental/JICA e que estavam envolvidos no experimento com tutor vivo de *Gliricídia* (*Gliricidia sepium* (Jacq.) Walp) para pimenta-do-reino. Estas comunidades selecionadas apresentam uma distribuição espacial que cobre uma ampla área geográfica do Município de Tomé-Açu (ISHIZUKA et al, 2003; SEMINÁRIO ..., 2003). O número de produtores entrevistados por comunidade variou de um a sete, dependendo da concentração de residentes na comunidade.

A coleta dos dados foi efetuada por uma equipe de quatro entrevistadores, através da formulação de perguntas abertas e/ou fechadas. As variáveis selecionadas referem ao uso da terra, estrutura familiar, gasto de mão-de-obra, trabalho assalariado, SAFs existentes, interação com agricultores nipo-

brasileiros, entre outros. Na maioria das vezes, as entrevistas foram realizadas com a presença da família (esposa e filhos), visando a obtenção do maior número possível de informações sobre a situação familiar.

### 3 Resultados e Discussão

A influência da participação dos pequenos produtores como assalariado em propriedades de agricultores japoneses foi evidenciado em 86,11% dos produtores entrevistados. Esta participação tem efeito positivo nas práticas agrícolas adotadas e da tentativa de imitar as atividades dos agricultores nipo-brasileiros. Mesmo para aqueles que não trabalharam para produtores nipo-brasileiros afirmaram que aprenderam mediante observações das atividades desenvolvidas.

Tabela 1 - Início de trabalho com agricultores nipo-brasileiros pelos agricultores entrevistados no Município de Tomé-Açu, agosto 2003.

Ano início	Número Absoluto	%
Antes 1965	3	8,33
Entre 1970 a 1979	8	22,22
Entre 1980 a 1989	10	27,78
Depois de 1990	10	27,78
Não trabalharam	5	13,89
Total	36	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 2003.

Atualmente a frequência de trabalho com agricultores nipo-brasileiros é verificada em apenas 11,11% dos agricultores entrevistados. Uma vez estabelecidos sobra menos tempo para efetuar a venda de mão-de-obra para terceiros. As principais atividades recentes no qual os produtores entrevistados trabalharam como assalariados destaca-se a colheita de pimenta-do-reino, com 47,22% e capinas com 41,67%.

Tabela 2 – Aprendizado de práticas agrícolas com o trabalho e observação com os agricultores nipo-brasileiros entre os agricultores entrevistados no Município de Tomé-Açu, agosto 2003.

Aprendizado	Número Absoluto	%
Plantar pimenta	20	55,56
Plantar cacau	10	27,78
Plantar cupuaçu	6	16,67
Adubação da pimenteira	5	13,89
Podar cacau	4	11,11
Selecionar mudas de pimenta	4	11,11
Plantar maracujá	3	8,33
Secar pimenta	2	5,55
Tratar pimental	2	5,55
Encanteirar mudas	2	5,55
Plantar açaí	1	2,78
Plantar melão	1	2,78
Plantar banana	1	2,78
Plantar em consórcio	1	2,78
Fazer mudas	1	2,78
Colher pimenta	1	2,78
Roçar pimental	1	2,78
Plantar tutor vivo	1	2,78
Preparar área plantio	1	2,78
Enxertia seringueira	1	2,78
Não aprendeu nada	1	2,78
Total	36	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 2003.

As práticas agrícolas referentes ao cultivo, colheita e beneficiamento da pimenta-do-reino, cacau, melão, maracujá, açaí e formação de mudas, destacam-se entre as mais importantes aprendidas no trabalhos em propriedades de agricultores nipo-brasileiros. Mesmo o plantio de espécies madeireiras como paricá, teca, andiroba, cedro, angelim-pedra, foi observado em 36,11% das propriedades entrevistadas. Apesar da não-percepção do lucro imediato das espécies madeireiras, efetuaram estes plantios como efeito

mimetismo dos agricultores nipo-brasileiros e, da percepção ecológica de compensar o desmatamento efetuado.

O intercâmbio entre os agricultores nipo-brasileiros no fornecimento de sementes e mudas é prática verificada por 38,89% dos agricultores entrevistados. O recebimento de adubos químicos de agricultores nipo-brasileiros foi verificado em apenas 8,33% dos agricultores entrevistados. Isso não quer dizer que representa a frequência no uso de fertilizantes, uma vez que muitos deles efetuam aquisição com recursos próprios, como foi visto nos tratos culturais das culturas mencionadas. Essa cessão decorre das relações de amizade durante as atividades de trabalhos assalariado e de serem vizinhos de lotes.

Foram identificados 69 combinações distintas de culturas perenes entre os agricultores entrevistados, destacando-se o sistema pimenta-do-reino/cupuaçu/açaí (15,93%), pimenta-do-reino/cacau (10,14%), pimenta-do-reino/cupuaçu (8,70%), cupuaçu/açaí (7,24%) e pimenta-do-reino/cupuaçu/cacau/açaí (5,79%), como os mais importantes. A prática da utilização de SAFs é verificada em 94,45% dos agricultores entrevistados, variando desde um sistema de combinação de culturas perenes (30,56%), dois com 44,44% e três com 11,11%.

#### 4 Conclusões

Os pequenos agricultores entrevistados mostram uma característica bastante ímpar se comparado com a de outras áreas do Estado do Pará em termos da adoção de SAFs. As atividades produtivas giram em torno de cacau, cupuaçu, pimenta-do-reino, açaí, maracujá, espécies florestais, culturas anuais, pequenos animais, entre os principais. Há um mimetismo em menor escala dos plantios dos agricultores nipo-brasileiros que se estabeleceram no final da década de 20. Enquanto os pequenos produtores do Sul e Sudeste do Estado do Pará apresentam uma obsessão pela pecuária, promovendo a contínua derrubada dos estoques florestais e a sua conversão em pastagens, até o seu esgotamento, a permanência das atividades mediante o plantio de culturas perenes constitui o objetivo final.

A despeito da apologia dos SAFs, os resultados do levantamento apontam que a presença de uma atividade-eixo, com forte presença no mercado, constitui na razão da manutenção do modelo, do que o objetivo da combinação de culturas perenes. Apesar do tempo de moradia no lote atingir mais de 20 anos para mais de 40% dos agricultores entrevistados, esta tem sido feita com a contínua subtração dos recursos florestais. Em comparação com as áreas de pequenos produtores que se dedicam a culturas anuais e pecuária, constitui em caso exemplar para a Amazônia. Ressalta-se, contudo, que essa sustentabilidade, não é endógena ao sistema, mas exógena, uma vez que o menor índice de destruição dos recursos naturais está sendo efetuada a custa de produtores de outras regiões, no fornecimento de produtos oriundos de áreas desmatadas (farinha de mandioca, carne bovina, madeira, etc.).

Apesar do modelo dos colonos nipo-brasileiros não ser passível de generalização para a Amazônia, esta replicação e adaptação pelos pequenos produtores, denota a influência dos imigrantes japoneses nos SAFs adotados. Este aprendizado ocorreu ao longo do tempo, através do trabalho em propriedades dos agricultores nipo-brasileiros, a observação das atividades orientadas pelo mercado e do seu dinamismo, a criação da infra-estrutura local em termos de mercado de insumos e produtos e da concretização e a construção do imaginário, como o plantio de castanheiras, andiroba, cumaru, uxi, pau-rosa, entre outras. As atividades desenvolvidas pelos colonos nipo-brasileiros, representam, em constante resposta, as modificações do mercado, contornar o surgimento de pragas e doenças, limitações legais e dos erros e acertos das suas iniciativas. Estas experiências se constituem em resultados de pesquisa que precisam ser traduzidos para o universo de pequenos produtores locais.

#### 5 Referências Bibliográficas

- FRAZÃO, D.A.F. ISHISUKA, Y.; MENEZES, J.E.A.; MATOS, G.B.; HOMMA, A.K.O.; ROCHA, A.C.P.N.; COUTO NETO, M.C.; MOREIRA, J. Aferição de indicadores tecnológicos, econômicos e sociais nas comunidades de pequenos agricultores em Tomé Açu – Pará - ano base 2002/2003. Belém, Embrapa Amazônia Oriental, 2004. 60p. (em preparação).
- HOMMA, A.K.O. A civilização da pimenta-do-reino na Amazônia. In: HOMMA, A.K.O (ed.). **Amazônia: meio ambiente e desenvolvimento agrícola**. Brasília, EMBRAPA-SPI, 1998. p.61-91.
- ISHIZUKA, Y.; CONCEIÇÃO, H.E.O.; DUARTE, M.R.L. **Cultivo da pimenteira-do-reino com tutor vivo de gliricídia**. Belém, Embrapa Amazônia Oriental, Jica, 2003. 27p. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 182).
- SEMINÁRIO TÉCNICO BRASIL-JAPÃO: Projeto “Desenvolvimento Tecnológico para Agricultura Sustentável na Amazônia Oriental”. Belém, Embrapa Amazônia Oriental, 2003. 62p. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 180).